

A MOTIVAÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Jackeline Barcelos Corrêa (UNEF)

jack.barcelos1@hotmail.com

Amaro Sebastiao de Souza Quintino (UNEF)

amarotiao@yahoo.com.br

Francisco Estácio Neto (UFF)

francisco-estacio@hotmail.com

RESUMO

Esta comunicação pretende trazer umas reflexões sobre um estudo realizado em uma escola do ensino fundamental da rede pública de ensino, localizada na zona rural do norte-fluminense do estado do Rio de Janeiro. Que teve como objetivo conhecer as práticas de leitura e escrita dos alunos em formação. Ao final algumas questões relativas a essas práticas foram levadas em consideração e observadas e discutidas, foram levadas em consideração também o contexto escolar, buscando assim, contribuir, analisar e repensar uma política de formação de professores aliadas as práticas de leitura e escrita para esses alunos. Como suporte teórico buscou-se as contribuições de como Roland Barthes, (1983), Alcir Pécora (2016), Marisa Lajolo (1989), Sônia Kramer (2001), Luiz Antônio Marcuschi (2011), entre outros, sobre o processo de leitura e escrita. A amostra da pesquisa foi composta de 20 professores da rede municipal de ensino, foram aplicados os questionários tomando como base os estudos metodológicos do David Tripp (2005) da pesquisa-ação. Os resultados obtidos apontaram a necessidade de se ressignificar e motivar a leitura e a escrita desde o ensino fundamental. Sendo assim, acreditamos que as práticas de leitura são tratadas durante a formação nas escolas e universidades é que definem e influenciam um caso de prazer, desprazer, medo, ousadia, paixão descaso ou fascínio pela leitura e pela escrita. Tudo depende do professor como elo motivador de suas práticas educativas.

Palavras chave:

Leitura. Escrita. Motivação. Ensino fundamental. Práticas educativas.

1. Introdução

A pesquisa foi feita em uma escola do interior do estado do Rio de Janeiro, foram pesquisadas as práticas de leitura e escrita dos alunos do ensino fundamental. Essas professoras entrevistadas faziam parte de um curso de capacitação, que foi oferecido pela secretaria de Educação do Município. No decorrer do curso surgiu à necessidade de trocar informações sobre as práticas de leitura e escrita mediadas por cada professor, como alguns professores conseguiam motivar seus alunos e outro não?

O objetivo geral da pesquisa foi conhecer as práticas de leitura e escrita dos alunos em formação e o objetivo específico foi acompanhar e compartilhar de diferentes experiências.

Pontuamos algumas questões relativas a essas práticas e foram levadas em consideração, observadas e discutidas, buscou-se levar em consideração também o contexto escolar, a formação de cada professor e a maneira que cada professor foi incentivado às práticas de leitura e escrita.

Desde muito cedo a criança precisa ser motivada a oralidade, a leitura e a escrita ser ela mesma protagonista das atividades realizadas na escola, mesmo ainda antes de ser alfabetizada ela passe a apreciar e diferenciar diferentes tipos de gêneros. Segundo os estudos do autor:

a oralidade é uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora: ela vai desde uma realização mais informal a mais formal nos vários contextos de uso. (MARCUSCHI, 2001, p. 1)

Como suporte teórico buscou-se uma ampla pesquisa bibliográfica, fizemos também uma pesquisa de campo, contendo perguntas abertas e fechadas em um questionário semiestruturado, fotografamos e fizemos entrevistas com as vinte professoras e compartilhamos os resultados na última etapa da pesquisa e abrimos uma ampla discussão para compreendermos melhor como elas trabalhavam a leitura e a escrita no cotidiano escolar. Foram fotografadas e filmadas algumas ações das professoras em sala de aula, e colocadas em pauta as diferentes maneiras de mediação além dos resultados obtidos na pesquisa.

2. Oralidade, leitura e motivação

O trabalho com a oralidade, a leitura e a escrita realizadas em contextos significativos, deve respeitar as diferenças existentes entre os alunos, considerando que eles se encontram em diferentes níveis de apropriação da linguagem em suas várias formas.

A autoria é um espaço permanente de criação, fruição e desenvolvimento literário, de se encontrar e se perder, de ousar, onde as reflexões discorrem sem esbarrar em limites formais, podendo ser pela análise individual, recriação, invenção artística onde se acrescenta, se inventa, se reinventa ou até mesmo retrate a imagem real, que transmita por meio da língua escrita, transforma-se em forma e cria vida, seja ela profissional, verídica ou não, ou apenas memórias, ou as duas juntas como foi o caso,

a partir do contato com o apreciador, que tem nos atos de pensar e comunicar, seja ele verbalizando ou escrevendo, o poder de transformar aquelas memórias em um livro, em uma história em quadrinho, em um texto ou simplesmente em uma imagem.

Percebemos que 20% dos professores trabalhavam com histórias de vida dos alunos, com histórias pessoais e de sua comunidade. Sempre contextualizada com a sua cultura, essas tinham êxitos em suas propostas de leitura e escrita.

Depois das análises das respostas das professoras 30% trabalhavam com textos clássicos e textos dos livros didáticos, foram as que tiveram mais dificuldades com as propostas. Insistiam em métodos clássicos e propostas rígidas e formais do ensino da gramática.

Neste grupo encontramos 50% dos professores que buscavam propostas lúdicas com o ensino da leitura e da escrita, elas estimulavam o aluno com peças teatrais, músicas e varal de poesias conseguiam entusiasmar e motivar os alunos com mais prazer em relação à leitura, melhorando assim a sua escrita. Questionamos a maneira de como eles haviam motivado os alunos, eles responderam que tudo depende da maneira que o texto é apresentado para o aluno.

Neste último grupo destacamos as leituras de imagens, a literatura clássica e os contos de fadas sempre acompanhados de muita ludicidade.

A literatura é de suma importância nesse trabalho, pois é ela que encanta e ao mesmo tempo fascina o aluno. É importante salientar que não é o que está contido no texto que o torna literatura, o que o define enquanto literatura não é a forma, nem o conteúdo. O que torna um discurso literário está muito mais no resultado da interação leitor e escritor do que qualquer outra característica que a obra possa ter

O mundo representado na literatura, simbólica ou realisticamente, nasce da experiência que o escritor tem de uma realidade histórica e social muito bem delimitada. O universo que autor e leitor compartilham, a partir da criação do primeiro e da recriação do segundo, é um universo que corresponde a uma síntese – intuitiva ou racional; simbólica ou realista – do aqui e agora que se vive. (LAJOLO, 1989, p. 65)

Roland Barthes, também formula um conceito de literatura “a língua implica uma relação fatal de alienação. Falar, e com maior razão discorrer, não é comunicar, como se repete com demasiada frequência, é sujeitar: toda língua é uma reição generalizada” (BARTHES, 1983, p. 13). No entanto, surge a questão dentro do ponto de vista do discurso literário:

não existe literatura? Sabemos que literatura não é sujeição, muito pelo contrário é interação, é recriação.

A partir das citações de Marisa Lajolo e Roland Barthes, conclui-se que a língua está sempre marcada por ideologia e autoritarismo, mas que tais discursos não cabem na literatura, pois a presença deles tiraria da obra o *status* de literatura. Por outro lado, a literatura, ou melhor, o discurso literário deixa marca dessa sujeição ao rebelar-se contra o poder, contra os discursos autoritários e a favor de uma visão mais crítica da sociedade.

Sabemos da realidade da qual a maioria das unidades escolares do nosso país estão inseridas. As escolas estão sucateadas, as bibliotecas em péssimas condições ou muitas vezes a inexistência da mesma na escola. Condições físicas e estruturais precárias, somadas a outros fatores como sobre carga de trabalho.

Durante a pesquisa de campo ouvimos relatos dos alunos sobre a falta de oportunidade de manusear os livros na biblioteca, da falta de profissional para fazer os empréstimos dos livros e até mesmo situações em que a biblioteca e os livros existem, mas nem todos podem fazer o uso. Mas mesmo assim, o professor busca todo o tempo práticas inovadoras de incentivo à leitura e a escrita de seus alunos. Segundo Rubem Alves:

é preciso ultrapassar os cinco sentidos e chegar ao sexto sentido, por ser o único que permite que se tenha prazer com as coisas que estão ausentes. Esse poder presente e pouco desenvolvido se chama pensamento. Ensinar a pensar é ensinar o pensamento a dançar no espaço onde as coisas que não existem existem. (ALVES, 2002, p. 169)

Cabe ao professor ser o elo integrador na escola, exercer múltiplas habilidades com sua equipe pedagógica, ouvindo a todos, realizando troca de experiências, motivando os alunos de maneira lúdica. É a motivação que leva o aluno a se apaixonar pela leitura na escola é na partilha da experiência com o mundo literário, é o fascínio com a leitura das imagens que leva o aluno ao interesse pelo livro.

Motivação é tudo aquilo que impulsiona a pessoa a agir de determinada forma ou, pelo menos, que dá origem a uma propensão a um comportamento específico, podendo este impulso à ação ser provocado por um estímulo externo (provindo do ambiente) ou também ser gerado internamente nos processos mentais do indivíduo. (CHIAVENATO, 1990, *apud* TARDIN et al., 2005, p. 41)

A motivação é uma energia interior importante no desenvolvimento do ser humano assim como na aprendizagem, o ato de se instruírem se

línguas ativas e não passivas, de formarem alunos críticos e capazes de modificarem os seus olhares perante a sociedade. Não se trata de se refrear a um tratamento, mas sim de edificar uma capacidade do aluno em formação. Onde não é o professor que doutrina nem o método que funciona; o aluno é quem aprende. Por isso, a motivação é primordial.

Segundo Claudino Piletti (2004) a motivação é fator principal da aprendizagem. Podem acontecer de ter aprendizagem sem professor, livro, escola e amostra de outros recursos. Mas mesmo que tenha todos esses itens, pois não se houver motivação não haverá aprendizagem.

O ambiente escolar precisa ser motivador do encontro do livro com o aluno, deve proporcionar esse momento que na maioria das vezes ele não tem acesso em casa. A escola é a ponte, o elo entre os saberes literários para formação do leitor. A autora Heloisa Luck define a motivação no ambiente escolar como:

Toda pessoa tem necessidade de alcançar sucesso e assumir responsabilidades como condição de elevação de sua autoimagem e identidade social e profissional. Também tem necessidade de reconhecimento pelo esforço e trabalho diferenciado que realiza, assim como necessita ter perspectivas de aprendizagem e desenvolvimento. (LUCK, 2009, p. 84)

3. *Formação continuada e a escrita*

Como podemos observar são inúmeras as funções e habilidades que devem ser desempenhadas, com maestria pelo professor e pelo gestor da escola. Destacamos no texto a motivação como elemento essencial, esta habilidade é condição relevante, para a formação continuada de toda equipe pedagógica em especial a dos professores, esta formação continuada dever ser discutida e incentivada pelo gestor, partindo das necessidades e interesses individuais. Por isso a grande importância da formação continuada dos professores.

Esta formação continuada propicia aos professores estarem sempre atualizados sobre as novas técnicas e conhecimentos, necessários para conduzir de forma satisfatória aprendizagem de seus alunos.

A capacitação profissional constitui-se em processo sistemático e organizado de promoção do desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para o correto exercício de atividades profissionais. Promove, de forma associada, a posse de um saber teórico associado ao prático, num determinado domínio. Essa capacitação é exercida fundamentalmente de modo a desenvolver o senso de responsabilidade para a transformação e melhoria das práticas profissionais, a partir da melhoria do próprio desempenho profissio-

nal. (LUCK, 2009, p. 88)

Um dado importante que devemos considerar neste trabalho. Ao perguntarmos o que mais agrada os alunos nas aulas de língua portuguesa e literatura no ensino fundamental, a professora destacou a leitura de textos, poesias, filmes, música, redação, dramatização. E essa diversidade de práticas inovadoras propostas pelos professores que motiva e entusiasma os alunos no cotidiano escolar.

Toda essa gama de inovações dos métodos, somados ao interesse dos professores e dos alunos que os levam a novos saberes. O que nos faz lembrar uma metáfora que permeia toda a obra de Rubem Alves, ao destacar as funções da educação, a importância da mediação e da motivação. O autor assinala com maestria para a alegoria do corpo que carrega sempre duas caixas: a caixa de ferramentas e a caixa dos brinquedos. Essas duas caixas definem os objetivos da educação.

Caixa de ferramentas: nela se encontram os objetos necessários para compreender e inventar. Úteis, indispensáveis à sobrevivência. Na caixa de ferramentas se encontram guardadas desde coisas concretas, como fogo, redes, facas, machados, hortas, bicicletas, computadores, até coisas abstratas, como palavras, operações matemáticas, teorias científicas. Caixa de brinquedos: nela se encontram objetos inúteis que, sendo inúteis, são usados pelo prazer e pela alegria que produzem: música, literatura, pintura, dança, brinquedos, jardins, instrumentos musicais, poemas, livros, pinturas, culinária [...]. (ALVES, 2004a, p. 196)

Rubem Alves nos oferece descaminhos que nos levam a pensar na responsabilidade e na importância do encontro de cada um de nós, educadores, com nossos próprios vazios, a fim de que possamos lançar teias firmes que abriguem e oriente nossos alunos em seus voos: “O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado”. (ALVES, 2004a, p. 30). Ele destaca que devemos motivar nossos alunos desde muito cedo, para que eles consigam caminhar de maneira autônoma e crítica, e somos nós professores que temos essa tarefa.

Sendo assim, o autor reflete afirmando que a educação dos educadores é a tarefa mais importante, pois o professor é o guardião da palavra-chave que pode facilitar a entrada dos alunos num universo infinito de prazeres e conhecimento; pode libertar o pensamento, ajudar a transformar o aluno em um cidadão crítico e reflexivo e ao mesmo tempo ter o prazer da leitura.

Ao longo do trabalho percebemos que a escrita está intimamente relacionada a esses artefatos, ou seja, ao mundo de papel – com toda sua

força e suas limitações. O domínio da escrita é útil e importante e há quem afirme e sustente que esse domínio, tal como a circuncisão, o batismo ou a formação em escola privada, representa o acesso a uma elite privilegiada; havendo também quem garanta que, além de útil e importante, o domínio da escrita contribui para o desenvolvimento da racionalidade e da consciência. É necessário ampliar os conhecimentos da leitura e a escrita por meio de motivações em todas as etapas da escolarização, principalmente nas séries iniciais, que é onde se começa esse gosto pela literatura e que não deve terminar nela.

4. Metodologia

Depois da leitura de várias metodologias existentes neste universo definimos a pesquisa e ação com mais pertinente e coerente. A pesquisa-ação, em essência é um dos inúmeros tipos de investigação-ação. Investigação-ação é “um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito desta prática”. (TRIPP, 2005)

A investigação com a pesquisa-ação se dá por meio de uma sequência metodológica que envolve quatro etapas: planejamento, ação, observação e reflexão.

O método de coleta e análise dos dados foi os quantitativos e qualitativos, foram realizadas interferências com a colaboração técnica dos coordenadores pedagógicos e professoras da unidade escolar do município para podermos investigar e agir sobre essa prática.

5. Considerações finais

No presente trabalho destacamos que a leitura possui grande importância para o desenvolvimento da sociedade de um modo geral, pois nas sociedades modernas a importância dada ao conhecimento é grande e o mesmo pelo menos o formal, aquele tido dentro da escola se obtém através da leitura.

E é compromisso das universidades estimular as pesquisas para legitimar esses saberes, essas práticas inovadoras e criar disciplinas que possam contemplar e multiplicar a literatura para que todos tenham acesso, principalmente os futuros professores. A incorporação da temática li-

teratura na formação inicial e continuada.

Os resultados obtidos apontaram a necessidade de se ressignificar e motivar a leitura e a escrita desde no ensino fundamental de maneira lúdica.

No entanto, acreditamos que as práticas de leitura são tratadas nas escolas e universidades é que definem e influenciam um caso de prazer, desprazer, medo, ousadia, paixão descaso ou fascínio pela leitura e pela escrita. Tudo depende do professor como elo motivador de suas práticas educativas inovadoras e contextualizadas.

Como forma de recomendações, torna-se importante ressaltar que o cultivo do prazer pela leitura requer um longo e complexo caminho prévio – o da orientação técnica. Ele não se dá por si só é uma ação colaborativa, participativa e compartilhada. O conhecimento é tarefa do professor e é por meio dele que a orientação técnica como base para transposição ou pela mediação poderá ocorrer, portanto, essa tarefa pode vir a ser objeto de estudos futuros.

Sendo assim, acreditamos que como as práticas de leitura e escrita são tratadas durante a formação nas escolas e universidades é que definem e influenciam um caso de prazer, desprazer, medo, ousadia, paixão descaso ou fascínio pela leitura e pela escrita. Tudo depende do professor como elo motivador de sua atuação profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. Campinas: Papirus, 2000.
- _____. *Por uma educação romântica*. Campinas: Papirus, 2004.
- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais – língua portuguesa: 3º e 4º ciclos*. Brasília: MEC, 1998.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- _____. *O que é literatura*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LUCK, Heloísa. *Dimensões da gestão escolar e suas competências*. Curitiba: Positivo, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2001.

PÉCORA, Alcir. *Problemas de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

PILETTI, Claudino. *A motivação da aprendizagem*. In: _____. *Didática geral*. 23. ed. p. 232-243. São Paulo: Ática, 2004.

SILVA, Eliene Pereira. A importância do gestor educacional na instituição escolar. *Revista Conteúdo*. 2009. Disponível em: <<http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/view/21/23>> Acesso em: 11-05-2015.

TARDIN, Ana Paula; RODRIGUES, José Alceu E.; DALSOQUIO, Paulo; GUABIRABA, Zenaide R.; MIRANDA, Isabella Tamine Parra. O conceito de motivação na teoria das relações humanas. *Revista Conteúdo*, vol. 1, n. 2, p. 40-47, 2009. Disponível em: <www.maringamanagement.com.br/include/getdoc.php?id=113>. Acesso em: 20-05-2017.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Trad.: Lólio Lourenço de Oliveira. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

_____; SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Literatura e pedagogia ponto e contraponto*. 2. ed. São Paulo: Mercado Aberto, 2008.